



miguilim

revista eletrônica do netili

volume 10, número 1, jan.-abr. 2021

RESENHA – MARCAS DE UMA ESCRITA TRANSGRESSORA: A OUSADIA DA DENÚNCIA EM *CARTA À RAINHA LOUCA*

REZENDE, Maria Valéria. *Carta à rainha louca*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

Thaís Fernanda Viana BATISTA
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | CITAR ESTA RESENHA | A AUTORA

RECEBIDO EM 14/09/2020 • APROVADO EM 22/02/2021

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i1.2874>

Resumo

Esta resenha apresenta a obra *Carta à rainha louca*, escrita por Maria Valéria Rezende, lançada pela editora Alfaguara, em 2019, que se estrutura a partir do exercício da leitura e da escrita transgressoras da personagem Isabel. A partir de sua escrita irônica, sutil, mas preenchida de ferocidade, Isabel conta ao leitor, por meio de uma epístola direcionada à rainha Dona Maria I, os mandos e desmandos feitos no então Brasil Colônia, recanto de uma sociedade sustentada por dogmas da Igreja Católica, fortemente patriarcal e racista, que “encarcerava” mulheres, negros, indígenas e quaisquer outros corpos que ousassem questionar os padrões hegemônicos preconizados por esse modelo social. Na leitura do livro, o leitor é instado a refletir sobre o Brasil colonial – e seus efeitos atuais – por meio da brilhante escrita empreendida por Maria Valéria Rezende em seu romance.

Abstract

This review presents the work *Carta à rainha louca*, written by Maria Valéria Rezende, released by the publishing house Alfaguara, in 2019, which is structured based on the reading and writing of the character Isabel. With her ironic, subtle but full of ferocity writing, Isabel tells the reader, using an epistle addressed to Queen Dona Maria I, the

orders and misdemeanors executed in colonial Brazil. Corner of a society supported by dogmas of the Catholic Church, strongly patriarchal and racist, that “imprisoned” women, blacks, indigenous people, and any other bodies who dared to question the hegemonic standards advocated by this social model. In reading the book, the reader is urged to reflect on colonial Brazil – and its current effects – through the brilliant writing undertaken by Maria Valéria Rezende in her book.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Maria Valéria Rezende. Leitura Literária. Escrita. Leitura. Brasil Colônia.

Keywords: Maria Valéria Rezende. Literary reading. Writing. Reading. Colonial Brazil.

Texto integral

Dar voz ao silenciado: este é um dos grandes feitos do livro *Carta à rainha louca*, de Maria Valéria Rezende. Encenando, em sua mais recente obra, a voz de Isabel das Santas Virgens, Maria Valéria ataca, de modo irônico, sutil, mas preenchido de ferocidade, a sociedade patriarcal, machista e racista que, desde os idos tempos de colônia, “encarcera” mulheres, negros, indígenas e qualquer um que ouse fugir aos padrões hegemônicos preconizados socialmente. Lançado em 2019, *Carta à rainha louca* acolhe como matéria de composição o Brasil Colônia do século XVIII, estruturando-se a partir da leitura e da escrita transgressoras de Isabel, que conta ao leitor, por meio de uma epístola direcionada à Dona Maria I – conhecida como “a louca” –, os mandos e desmandos feitos supostamente em nome da própria rainha, principalmente pelas figuras masculinas do então Brasil Colônia.

Carta à rainha louca não é, entretanto, a primeira produção de Maria Valéria Rezende em que os discursos dominantes são postos em xeque. A escritora, que publicou seu primeiro livro de ficção – *Vasto Mundo* (2001) – aos 60 anos, recorrentemente constrói em suas obras personagens, histórias e contextos em que os jogos de poder são estrangidos e questionados, como no intrigante *Quarenta dias* (2014), no qual Alice, a protagonista, em uma espécie de “peregrinação” pela cidade de Porto Alegre, desvela as estruturas de poder que tentam silenciá-la e a todas as demais minorias sociais no Brasil contemporâneo. Mestre em Sociologia, Maria Valéria, desde 1960, realizou um trabalho voltado para a Educação Popular em diferentes regiões do Brasil e do exterior, o que certamente contribuiu para que a escritora se mantivesse atenta às situações de desigualdade social e aos sutis jogos de poder, experiências que possivelmente se refletem em muitas obras da autora, inclusive em *Carta à rainha louca*, como se verá a seguir.

Tratando, portanto, da obra que é objeto desta resenha, cabe ressaltar que *Carta à rainha louca* divide-se em quatro capítulos, intitulados, respectivamente, 1789, 1790, 1791 e 1792, representando, em sua totalidade, os quatro anos do processo de escrita, realizado por Isabel, da longa carta endereçada à então rainha de Portugal, D. Maria I. É, portanto, a partir do processo de escrita da carta empreendido por Isabel, que se constrói concomitantemente ao instante da leitura, que o leitor irá, pouco a pouco, ter acesso a diversos acontecimentos – sejam eles ligados apenas à vida de Isabel, ou sejam eles para além da vida da narradora – que marcam a maneira como as relações se davam na colônia brasileira como um todo.

Relações essas que notadamente privilegiavam homens, principalmente os brancos, que seriam tratados com ainda maior distinção caso fossem ricos. Tal valorização de um padrão hegemônico parece ainda se manter no Brasil contemporâneo, o que permite revelar a atualidade da obra em questão ao demonstrar as raízes profundas dessa cultura de exclusão e privilégios.

Tendo em vista, assim, as representações construídas para a hierarquização do poder que submetia a muitos e favorecia a uns poucos no período colonial, é por meio da escrita que Isabel desvela e transgride as relações de poder que, por sua vez, deveriam mantê-la cativa e submissa, posto que a condição feminina do período reservava às mulheres apenas a posição de subserviência e silenciamento. Toda a narrativa do livro *Carta à rainha louca* é, portanto, marcada por um interessante movimento de transgressão, de desafio ao poder hegemônico, perpetrado principalmente por Isabel das Santas Virgens, cuja violação maior ao *status quo* é a ousadia de tomar a palavra através da escrita e denunciar as imposições e injustiças que presenciou e de que foi vítima.

Encarcerada e esquecida no convento do Recolhimento da Conceição, localizado no alto das colinas da cidade de Olinda, Isabel, mulher branca e pobre, há muito espera pela nau que a levará para Lisboa, onde deverá ser julgada por um crime a ela imputado. A partir da leitura do livro, em que progressivamente se revelará ao leitor qual a acusação que recai sobre Isabel, desvela-se também as condições de justiça e liberdade a que estavam submetidos – ou subjugados – os moradores do Brasil no século XVIII, principalmente as mulheres, os escravos e os indígenas. É, então, por estar relegada ao descaso e encarcerada por uma justiça opressora, que Isabel decide escrever à Rainha Maria I, pois nela ter-se-ia a associação de duas características que raramente estão combinadas, como a própria Isabel explica à rainha em trecho do livro: “[...] o serdes rainha de cetro e coroa, capaz de ordenar e fazer o bom e o justo, acima de todos e quaisquer súditos, de qualquer sexo, que habitem as Vossas terras, e o serdes mulher, capaz de saber o que sofre outra mulher que clama por justiça” (REZENDE, 2019, p. 9). Buscando, portanto, a identificação da rainha quanto à condição de ser mulher no século XVIII, Isabel espera que, a partir da denúncia que realiza, a regente utilize de seu poder para exercer justiça, já que supostamente tudo seria feito em nome de D. Maria I sem que a rainha soubesse – algo que a própria Isabel parece não acreditar, pois dispensa à rainha comentários irônicos que desmascaram o que de fato Isabel parece pensar a respeito de D. Maria I e da Corte como um todo.

Porém, mesmo diante de sua possível incredulidade, Isabel das Santas Virgens segue seu propósito de buscar por justiça a partir da escrita, escrevendo sua epístola para a rainha. Carta essa marcada, inicialmente, por uma profusão de lembranças e relatos de diversos acontecimentos, quase como se Isabel, mais do que tentando descobrir como iria organizar sua escrita, tentasse também colocar em ordem seus pensamentos e ideias, já bastante exauridos pelos anos e pelo cárcere. Tem-se, assim, um trânsito entre fatos passados, alguns relacionados à vida da narradora, outros ligados à vida na/da colônia; e acontecimentos do presente, que transitam também entre a vida de Isabel e o cotidiano brasileiro. Apesar de à primeira vista estarem desconectados, todos esses contos e recontos encontram-se entremeados, entre outras questões, às péssimas condições de vida, liberdade e justiça em que se encontravam os mais desprivilegiados no jogo de

poder que aqui se praticava. Tais pensamentos desorganizados também desvelam certos acontecimentos da narrativa que serão retomados e/ou explicados nos capítulos seguintes, de modo que o leitor é introduzido a relatos que talvez lhe pareçam inofensivos e confusos em uma primeira leitura, mas que são, entretanto, peças-chave para que se compreenda a denúncia que Isabel se propõe a fazer.

Um traço marcante da estratégia adotada por Maria Valéria Rezende, ao encenar a escrita de Isabel no livro *Carta à rainha louca*, é o modo como as memórias, os fatos e os relatos trazidos à tona pela carta são conjugados a um sutil tom irônico, como se a narradora, ao escrever, ciente de sua condição de mulher, pobre e marginalizada, ou seja, de quem, portanto, não poderia atrever-se a criticar aspectos basilares de sua sociedade – como a família, a religião, a Corte, o patriarcado, entre outros –, escolhe fazê-lo mesmo assim, utilizando-se, para tal, de uma escrita crítica, feroz, que se dá pela ironia. Tal maneira de escrita fica bastante evidente quando Isabel, ao falar do Recolhimento do Desterro, local em que viveu momentos de privação e tristeza, descreve o luxo com que o lugar é adornado, como se pode ver no trecho abaixo:

Como posso descrever-Vos as riquíssimas imagens de São Francisco, do lado do Evangelho, e a de Santa Clara, do lado da Epístola, enfeitando os flancos da capela-mor, acima dos magníficos painéis de azulejos? Embora os modelos para tais estátuas houvessem escolhido a pobreza como sua senhora, tanto amam essas monjas a Santa Clara que lhe fizeram presente de resplendor, custódia e báculo de prata, para o diário, e outros de ouro, para os dias de grande festa, tal qual elas mesmas, filhas de senhores ricos desta colônia, creem que devem ser adornadas. O que Vos dizer dos ostensórios de ouro lavrado ou do famoso sacrário de prata, que uma santa religiosa mandou fazer em Portugal com seus próprios recursos e esmolas dos fiéis. (REZENDE, 2019, p. 20).

Tendo como foco as figuras de São Francisco e de Santa Clara, grandes símbolos religiosos de pobreza e abnegação, Isabel demonstra, como pode ser visto no trecho acima, quão contraditórias são as representações de tais figuras religiosas feitas no Recolhimento do Desterro em relação aos ideais pregados por tais divindades. Como poderiam as imagens de santos tão aversivos à riqueza e ao luxo, serem feitos de forma "riquíssima" e para "ocuparem lugar de destaque ao lado do Evangelho e da Epístola? Assim, desmascarando ironicamente as contradições que configuram as instituições coloniais brasileiras de então, a narradora denuncia, em sua carta, as construções sociais opressoras e desiguais que corroem a colônia e grande parte da população que nela vive. Tal tom, que se constrói desde os primeiros instantes da leitura, manter-se-á durante todo o percurso da narrativa, de modo que, ao leitor, caberá o confronto com situações que à primeira vista podem parecer banais, mas que, na verdade, revelam quão cruéis e desiguais se instituíram e ainda se realizam as relações sociais em contexto brasileiro.

A escolha de Maria Valéria por utilizar-se do discurso escrito de Isabel, modulado por ironia, para construir os espaços em que a cultura dominante

colonial subjuga e tensiona os demais modos de vivência, tornou-se uma estratégia extremamente crucial também para (re)construir as personagens presentes na vida/memória da narradora, assim como para compreender o destino a que foram submetidas cada uma delas. No terceiro capítulo, o mais longo de todo o livro, Isabel põe-se a contar, mais organizadamente, e preenchido por mais detalhes, os acontecimentos da vida da missivista anteriores ao cárcere e que foram os responsáveis pelas injustiças a que ela esteve e ainda está submetida no momento em que escreve. É nesse ponto da narrativa em que o leitor terá acesso a mais informações sobre os outros personagens que estruturam a história e ao modo como a disputa pelo poder – econômico, social e/ou cultural – funciona como o mecanismo que move principalmente as ações de homens, brancos e ricos, ou seja, as ações de um grupo hegemônico que acabaram por determinar violenta e injustamente a vida das minorias coloniais, com grande destaque, no livro em questão, para a posição de subalternidade ocupada pelas figuras femininas da colônia.

Diante dos emblemáticos personagens da obra e das histórias entrelaçadas de cada um deles, cabe ressaltar a figura de Blandina, filha do grande senhor de terras Dom Afonso Antunes de Castro, e a quem Isabel considera como irmã, apesar da distância socioeconômica existente entre as duas. É a partir da história de Blandina e de suas desgraças – que em grande medida são também as de Isabel, já que as duas passam juntas grande parte de suas vidas – narradas na carta escrita à rainha, que se desenrolará o fio que permitirá ao leitor compreender quais os nós levaram Isabel ao cárcere. Apresentada ao leitor inicialmente como uma história com ares de um conto de fadas, logo se verá, entretanto, que muito mais se mascara entre as tramas das vidas de Blandina e Isabel, mulheres que pouco podiam fazer para transformar a realidade em que viviam.

Outra figura interessante do livro de Maria Valéria é o personagem Diogo Lourenço de Távora, um jovem bastardo que usa de sua beleza e de seus encantos para tentar ascender socialmente. Diogo, rapaz sedutor e ciente de sua posição e de seus dotes, será um dos principais atores no desenrolar – ou enredar – da trama que envolve as vidas de Isabel e de Blandina. Construído como um belo e inocente rapaz, cheio de grandes histórias e aventuras para narrar, Diogo é capaz de revelar ao leitor, por meio de suas escolhas e atitudes, a cruel teia de relações de disputas por poder em que está inserido, o que o leva a constantemente buscar distintas artimanhas para se apresentar e superar sua condição de filho bastardo de uma nobre e conhecida família portuguesa - os Távora.

Muitos ainda são os personagens de *Carta à rainha louca* a serem desvelados pelo olhar do leitor. Com uma rica gama de vivências que se entrelaçam, tal obra de Maria Valéria Rezende engendra, a partir de um enredo cáustico, a possibilidade de denúncia de questões sociais que subjugam e desprezam ainda inúmeros sujeitos no Brasil contemporâneo. Por meio da leitura de *Carta à rainha louca*, o leitor do livro será, portanto, convidado a romper com a normalidade com que as disposições sociais hegemônicas lhe são impostas e naturalizadas, podendo, assim, compreender como, na verdade, certas construções sociais parecem ser mais um mecanismo de dominação de minorias – mulheres, negros, indígenas, entre outras – que vigora desde os tempos do Brasil Colônia. *Carta à rainha louca* constitui-se, dessa forma, em uma essencial leitura para um

leitor que deseja transgredir, a partir da literatura, com um ciclo de exclusão e violência que perdura já por muitos séculos na realidade social brasileira.

Para citar esta resenha

BATISTA, Thaís Fernanda Viana. Resenha – Marcas de uma escrita transgressora: a ousadia da denúncia em Carta à rainha louca. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 1, p. 450-455, jan.-abr. 2021.

A autora

Thaís Fernanda Viana Batista é graduanda em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Minas Gerais. Foi pesquisadora bolsista da FUNDEP, desenvolvendo trabalho de Iniciação Científica no qual pesquisou a construção de arquétipos femininos em crônicas de José de Alencar. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9513-5474>.